

# ô catarina!

NOV. 2017 - ISSN 2318-3063

SUPLEMENTO 89  
CULTURAL DE  
SANTA CATARINA



**Artigo**

José Eduardo Degrazia

**Artes Visuais**

Ana Sabiá  
Barbara Bublitz

**Inéditos**

Poema de Catarina Lins  
Poemas de Méroli Habitzreuter  
Conto de Giovanni Arceno  
Contos de Luan Marques Joaquim

# Cartas

Vejo *Ô Catarina!* como uma página fundamental da arte no estado. Um espaço rico de divulgação e de reflexão cada vez mais raro. Em um tempo em que os suplementos culturais dos periódicos são cada vez mais suplantados por cadernos de classificados, ter um veículo exclusivo e independente da visão comercial é um privilégio a ser abraçado e preservado. **Antônio Cunha é dramaturgo e diretor teatral, Florianópolis/SC)**

Aplaudo o bom e oportuno retorno d'*Ô Catarina!* É uma gostosura percorrer suas páginas físicas ou virtuais, com textos criativos e analíticos voltados para a literatura, a dramaturgia, a música, as artes plásticas e visuais. O cuidado editorial mostra que o suplemento tem rumo forte e certo. **(Valdir Rocha é artista visual, São Paulo/SP)**

Em setembro, pela segunda vez, a Biblioteca Pública Municipal Cônego Itamar Luiz da Costa recebeu o suplemento *Ô Catarina* para divulgar na comunidade! Agradeço à Fundação Catarinense de Cultura por nos oportunizar o acesso ao registro e à efervescência da literatura no estado. Afinal, *Ô Catarina* é um elemento fundamental na arte de Santa Catarina. **(Gláucia Maindra é bibliotecária e coordenadora do Sistema Municipal de Bibliotecas, Livros, Leituras e Literaturas - SMBLLL na Prefeitura de Imbituba/SC)**

## EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo  
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira  
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Leonel Pavan  
Presidente / Rodolfo Joaquim Pinto da Luz  
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia  
Diretora de Patrimônio Cultural / Vanessa Maria Pereira  
Diretora de Administração / Márlis Lorensetti  
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella  
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques  
Assistente da Presidência / Sidneya Gaspar de Oliveira  
Assessor de Comunicação / Marcos Espíndola  
Gerente Operacional / Julio Cesar Alves  
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Ozeas Mafra Filho  
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho  
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Melissa Rodrigues  
Gerente de Patrimônio Cultural / Diego Rossi Fermo  
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Ana Paula G. L. da Silveira  
Gerente das Oficinas de Arte / Fabricio Mattje Gwosdz  
Administrador do Museu de Arte de Santa Catarina / Josué Mattos  
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Ana Ligia Becker  
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Maria José da Costa Brandão  
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / Vitório Fretta Colossi  
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Graciela Bratfisch Weiss  
Administradora do Teatro Álvaro de Carvalho / Eliza Docena  
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino  
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Alizandra Oliveira  
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini  
Responsável pela Casa da Alfândega / Adriana Aparecida de Brito

# Editorial

**Ô** *Catarina!* tem servido como catalisador da produção literária e artística do Brasil e de Santa Catarina, com enorme foco no experimento e na publicação de autores novos ou inéditos. Essa visão caleidoscópica exige pesquisa, leitura, atenção e vontade de se comunicar para além do circuito tradicionalmente visitado. Fugir dos círculos comuns e se impor como um lugar de passagem, mas também de uma possível permanência e abertura de clareiras. Em todos os números, após o seu retorno ao convívio cultural, há uma procura equilibrada de trazer diversas categorias de arte às páginas do jornal. Teatro, literatura, música, artes visuais, cinema, enfim, a procura e o desejo é o de adentrar o maior número possível de artistas das mais variadas expressões. Neste número, o leitor terá um encontro com Catarina Lins e Méroli Habitzreuter, duas jovens poetisas catarinenses, que têm seus poemas ilustrados pela artista Barbara Bublitz; com o artista visual e ensaísta Jayro Schmidt, que faz uma breve, mas profunda, reflexão acerca das investigações do filósofo italiano Giorgio Agamben; com o tradutor, romancista e ensaísta José Eduardo Degrazia, que analisa o último livro de poemas de Alcides Buss; com dois trabalhos da artista visual Ana Sabiá, da série Ecdise, que nos levam a pensar a construção dos corpos e seus lugares no mundo contemporâneo; com o jovem e inédito artista de teatro e escritor Luan Marques Joaquim tem seus dois primeiros contos publicados; com Sérgio Valle, idealizador e produtor do projeto BQ(en) cena — que consiste em uma temporada de teatro —, fala sobre os desafios e os intentos de seu trabalho; com Giovanni Arceno, jovem vencedor do concurso de dramaturgia do Sesc, que apresenta sua ficção.

Além disso, há uma breve homenagem a Manuel Carlos Karam com a publicação de uma de suas ficções e de um ensaio feito exclusivamente para o jornal pelo escritor e editor Carlos Henrique Schroeder. Como se vê, e como disse inicialmente, *Ô Catarina!* mantém e afirma sua visão rizomática. Boa leitura!

**Rodolfo Joaquim Pinto da Luz**  
Presidente da Fundação Catarinense de Cultura

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 89 - [Ô CATARINA!]

Novembro de 2017  
Editor / Marco Vasques  
Assistente Editorial / Marcos Espíndola  
Conselho Editorial / Alberto Heller, Amílcar Neves, Celso Braidá, Chico Faganello, Marco Vasques, Marcos Espíndola, Nini Beltrame, Péricles Prade, Sandra Meyer, Sidneya Gaspar de Oliveira, Rubens da Cunha  
Colaboradores desta edição / Ana Sabiá, Barbara Bublitz, Catarina Lins, Carlos Henrique Schroeder, Giovanni Arceno, Jayro Schmidt, José Eduardo Degrazia, Luan Marques Joaquim, Manoel Carlos Karam, Marco Vasques, Méroli Habitzreuter, Rubens da Cunha, Sérgio Valle  
Capa / Obra de Barbara Bublitz  
Ilustrações / Barbara Bublitz  
Revisora / Denize Gonzaga  
Designer Gráfico / Moisés Lavagnoli e Pietra Dallagnol Gotardo  
Impressão / DIOESC - Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina  
Tiragem / Mil exemplares

Entre em contato:  
Fundação Catarinense de Cultura  
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600.  
Agrônoma - CEP: 88025-202  
Florianópolis - Santa Catarina  
E-mail / ocatarina@fcc.sc.gov.br  
Fone / (48) 3664-2680  
Site / www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de  
responsabilidade dos autores.



# Um olhar da cena para a própria cena

Por Marco Vasques e Rubens da Cunha



**S**érgio Luiz Valle é coordenador do BQ(en) Cena, um programa de circulação dedicado às artes cênicas. Formado em Administração Pública como gestor cultural, fundou a empresa Vallezen Produções (PrismaCultural) em 2004, e desde então tem sido responsável pela modelagem, coordenação e execução de projetos nas áreas de humanidades, música, artes cênicas e patrimônio. Destacamos, nesta entrevista, a atuação dele no BQ(en)cena - Temporada de Teatro, que não se trata de um festival de teatro, mas de um projeto de circulação que se pretende permanente, com intuito de formar público e proporcionar trocas estéticas entre criadores e aprendizes da área teatral. Além disso, Sérgio Valle esclarece os conceitos e os princípios norteadores de seu trabalho.

**O BQ(en)cena não é um festival de teatro. Ele se apresenta como uma proposta de temporada. Você pode nos falar um pouco como surgiu essa ideia?**

A ideia do BQ(en)cena surgiu de demandas da própria sociedade. De um lado, os artistas e produtores ligados à Câmara Temática de Artes Cênicas do Conselho Municipal de Cultura de Brusque, que reivindicavam ações no sentido de poderem apresentar seus espetáculos com maior facilidade nos espaços formais da cidade. Do outro, uma demanda específica de um dos equipamentos culturais da região, o Teatro do Centro Empresarial, Social e Cultural de Brusque (CESCBr), que necessitava de uma programação regular de espetáculos para seu teatro, a fim de movimentar e dinamizar o espaço com ações de interesse da comunidade. Tendo ciência dessas demandas, a PrismaCultural começou a analisar a situação e se deparou com alguns formatos já estabelecidos na produção de festivais e temporadas de grupos e cias. de teatro Brasil afora. Foi daí que surgiu a ideia de fazer um edital de abrangência nacional que resultasse em uma Temporada de

Teatro, não de uma cia. ou grupo de teatro, mas sim para o público-alvo do projeto, que viria a ser o público a ser formado para esse equipamento cultural, o teatro do CESCBr.

**A terceira edição prevê apresentações em Florianópolis, Brusque, Botuverá, Guabiruba e Nova Trento. Como foram as edições anteriores?**

A primeira edição foi muito focada no público residente na cidade de Brusque, e por sua vez mais próximo ao equipamento cultural. Apesar de divulgarmos em toda a região, os esforços foram concentrados em um espaço geográfico mais próximo ao equipamento cultural por questões de logística e custos. Já na segunda edição, conseguimos ampliar um pouco nosso raio de atuação, acessando mais escolas e público espontâneo de Brusque e cidades vizinhas como Guabiruba, por exemplo. Realizamos uma produção piloto em duas escolas, uma de Brusque e outra de Guabiruba, levando o espetáculo *Cabeça de Papel*, da Cia. Téspis de Teatro, com sede em Itajaí/SC, para aproximadamente mil crianças e adolescentes da rede pública de educação. Nesta terceira edição, o BQ(en)cena busca atuar de forma micro e macrorregional, desenvolvendo ações do projeto nos municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá e Nova Trento, no plano microrregional, e em Florianópolis com a amplitude de uma cidade capital. Além disso, o projeto prevê uma série de 22 espetáculos que irão gerar 60 apresentações, divididas em seis espetáculos, que irão se apresentar em Brusque, no teatro do Centro Empresarial, Social e Cultural de Brusque (CESCBr) e no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) ou no Centro Integrado de Cultura (CIC), contando com o apoio das instituições mantenedoras dos teatros citados, CESCBr e Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Onze espetáculos irão se apresentar somente no CESCBr e cinco espetáculos serão destinados a espaços alternativos nos municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá e Nova Trento. Serão realizadas ainda quatro oficinas para o setor teatral de curta duração, a serem definidas após a seleção dos espetáculos. Com isso, o 3º BQ(en)cena pretende alcançar um público de quinze mil pessoas na região que vai atuar com ações concretas.

**Na segunda edição do BQ(en)cena vocês fizeram uma experiência de reunir um grupo de atores e fazer uma montagem com atadores locais? Como foi essa experiência?**

Sim. Na segunda edição do BQ(en)cena, tendo em vista a baixa produção teatral na cidade e região de Brusque, depois de dialogar com representantes do setor em questão, a coordenação do projeto decidiu diminuir de três para dois espetáculos locais e no lugar desse terceiro espetáculo inserir uma ação de incentivo direto à produção de um novo espetáculo para a região. Essa ação foi uma oficina/montagem, que contou com o forte apoio de um dos selecionadores do edital, Nini Beltrame, no sentido de estruturar um modelo mínimo que as propostas de oficinas deveriam seguir para que os objetivos do projeto fossem alcançados. Foram realizados convites a alguns produtores/diretores/atores da região, a fim de enviarem propostas para que os selecionadores, dentro do período de seleção dos espetáculos para a Temporada de 2015/16, pudessem selecionar também a proposta de oficina/montagem. E isso foi feito, além de entrevistas com alguns proponentes, resultando na seleção da proposta "O ator criador", do diretor/oficineiro Silvio José da Luz, com 200 horas, e desenvolvida em seis meses. O grupo que participou dessa oficina foi formado por jovens que se inscreveram, oriundos de Brusque e Guabiruba. Essa turma formada, a princípio por 18 inscritos e que finalizou com 15 participantes, desenvolveu todas as etapas da criação de um novo es-

petáculo, resultando no *Ao Som dos Teares*, inspirado no livro *Tragédia e Mistério na Villa Renaux – O caso criminal que abalou Brusque e Santa Catarina* (Insular, 2000). Ao final da oficina, Brusque tinha um espetáculo novo nos palcos e mais um grupo teatral, o *Trama*. Com esse espetáculo e casa lotada, fechamos a edição da Temporada de Teatro.

**Percebe-se um cuidado na seleção dos espetáculos por conta dos nomes dos selecionadores: Nini Beltrame, Kil Abreu, Luciana Romagnolli. Que teatro o BQ(en)cena pretende apresentar em seu circuito?**

O BQ(en)cena, dentro dos limites de recursos que o projeto dispõe, pretende trazer para os palcos e espaços alternativos da região espetáculos de todo o Brasil, que mostrem o que está sendo apresentado no momento na cena teatral nacional. A opção por convidar três críticos/especialistas em teatro é a vontade da PrismaCultural de realizar um projeto sério do ponto de vista da seleção, dando autonomia ao trio, com o intuito de estimularmos os grupos e as cias. de teatro de todo o país a se inscreverem, para que seja um processo o mais transparente e participativo possível. Com base nas inscrições, os selecionadores irão analisar e montar a melhor programação possível, visando privilegiar a formação de plateia nos municípios que o BQ está inserido.

**Os modelos de festivais em Santa Catarina e mesmo no Brasil andam bem esgotados e precisam passar por uma reestruturação com certa urgência. Por que esse modelo de temporada e qual é o propósito?**

Esse modelo foi pensado tendo em vista a vontade de atender a uma plateia que queríamos formar e, analisando os modelos tradicionalmente executados, percebemos alguns pontos que dificultavam essa formação. Um primeiro ponto era a constância das apresentações, ou seja, ter apresentações teatrais de forma regular, uma vez a cada quinze dias ou mesmo uma semana por mês, mas já com um calendário que pudesse ser divulgado ao público-alvo. De forma a embutir no dia a dia das pessoas esse evento, e que um grande número de pessoas pudesse passar a considerar essa opção de cultura e lazer. Outra questão era ter na programação não só espetáculos com elenco bastante conhecido do grande público e atores que fazem parte de elenco de novelas ou com uma forte exposição na mídia, mas, sim, também, espetáculos que pudessem colaborar para a formação do público para um teatro de transformação e continuidade, visando formar um hábito, uma cultura de ir ao teatro. E, por fim, uma programação que pudesse incentivar e também apoiar a produção teatral local, seja pela vivência dos membros do setor cênico regional, com as cias. e grupos que pela ci-

dade iriam passar, isto é, pelo incentivo direto na contratação dos espetáculos locais para se apresentarem durante a temporada, ou mesmo por meio das oficinas realizadas dentro do projeto.

**Nesta edição não haverá a montagem de um espetáculo. No entanto, a temporada terá quatro oficinas. Que oficinas são essas? Como será a seleção das oficinas e dos profissionais que as ministrarão?**

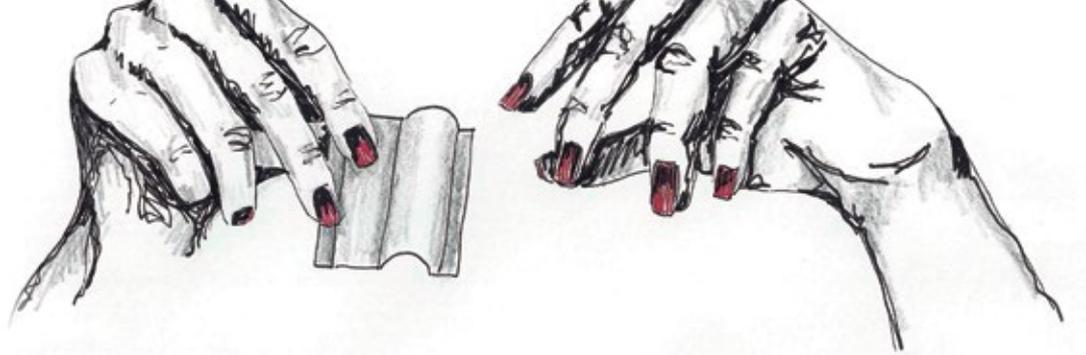
As oficinas nessa edição terão curta duração, no máximo 20 h, e serão solicitadas de preferência aos oficineiros com comprovada capacidade técnica e que possam estar envolvidos com trabalhos relacionados aos espetáculos selecionados, como diretores, produtores, técnicos ou até mesmo atores e atrizes das cias. ou dos grupos selecionados ou convidados e que participarão da Temporada. Essas oficinas tratarão os temas que os selecionadores e a coordenação do projeto entendam como interessantes para o desenvolvimento do teatro na região, com base nas demandas levantadas com os atores, produtores e diretores das últimas temporadas.

*(Marco Vasques é poeta, editor e crítico de teatro, Florianópolis/SC)  
(Rubens da Cunha é poeta, editor e crítico de teatro, São Félix/BA)*

A Famosa Invasão dos Ursos na Sicília. Companhia Delas de Teatro SP. Foto: Luís Brusque







## Painel

Toda hora, é plantio.

Raízes tortas, desviadas da terra de origem, um rabisco: do cordeiro recém-nascido, da fertilização de araucárias pelas curucacas esgoeladas, do semblante dos moradores, da mamada do bezerro, da caçada de queixadas, das coisas e dos tipos: a fragilidade da vida.

Um momento com a família, com a natureza, com Deus. Um rasgo à soco, na vida de cidade.

A terra levanta vermelha, abate animal. Do camargo que muge cedo, da rosca que saboreia. O gado motorizado espera o laço do peão. Uma nova fotografia revela pinheiros enfileirados. A gralha-azul, xucra, se esconde. O capataz guarda o rebanho. Trabalho ofegante, visceral.

Das flores que se pisoteia e se colhe, um amor, um leito de palha. A barba que roça, barba-de-velho. O fruto que se come doce, dedo-de-moça. Bem-me-quer, bem-me-quer. No sossego do campo, o desejo corre pelo chão. Todo dia a chapa esquenta, serve de quatro em quatro, pinhão.

Do plantio, colheita.



## INSTANTE 16

16:16, sexta-feira 5 de fevereiro

1: O céu veste preto

2: Silhuetas de nuvens carregadas

3: As janelas, basculantes, portas e portões cerram suas vistas

4: O berro da mãe atravessa seus filhos

5: O vento uiva, rodopia

6: Raios e relâmpagos faíscam à escuridão

7: Trovões berram o medo dos antepassados

8: A chuva lava a alma, a terra azul e branco

9: Des(arma) o disjuntor, agora duas solidões

10: O vento torce o pé de mamão

11: O telhado arrastado, vira memória, passado de um Nicolau

12: Lavam o chão: retratos antigos, medos e causos

13: Águas-quase-de-março: “é um pingo, pingando, é uma conta, é um conto”

14: Sobre o olhar silencioso do quarto: chuva vem, chuva vai.

15: Passou, como tudo passa. Passarinho acolhido na beirada do telhado

16:

(Méroli Habitzreuter  
é poeta, Guabiruba/SC)



# Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal e outros nomes

**A** Ilha António chamava-se assim em homenagem ao seu descobridor, mas mudou para Ilha da Sereia porque uma lenda ganhou mais força que o descobridor.

O nome seguinte foi Ilha dos Papagaios Vadios, dado por um governador que, segundo os cronistas, gostava de gracejos, pois a ilha não tinha papagaios.

A Ilha dos Papagaios Vadios virou Ilha das Bateiras (na voz do povo, Ilha das Bateras), homenagem às embarcações dos pescadores que viviam nos rios de pouca água e não se sabe se de muito ou pouco peixe, mas pescadores que provavelmente tinham as simpatias do governador da época — a história de que um dos pescadores de bateira chegou a governador é chamada de lenda pela maioria dos cronistas.

O nome passou, por influência religiosa, para Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes ou Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes — os cronistas divergiam, dois deles chegaram a se bater em duelo, que terminou empatado, dois mortos.

Outro empate quando os defensores do nome Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes e Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes chegaram a um acordo, e o novo nome foi Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal.

Durante a Grande Estiagem, também chamada de Big Estio, algumas vezes grafada como Big Stio, chamou-se Ilha dos Guarda-Chuvas Fechados, mas não em todos os documentos, numa parte deles continuou Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal por intransigência religiosa.

Alguém teve o cuidado de eliminar as referências ao nome Ilha do De Vez Em Quando, mas não conseguiu apagar todas, algumas escaparam, como aconteceu com os registros da Funerária Sempre, documentos disputadíssimos em leilões.

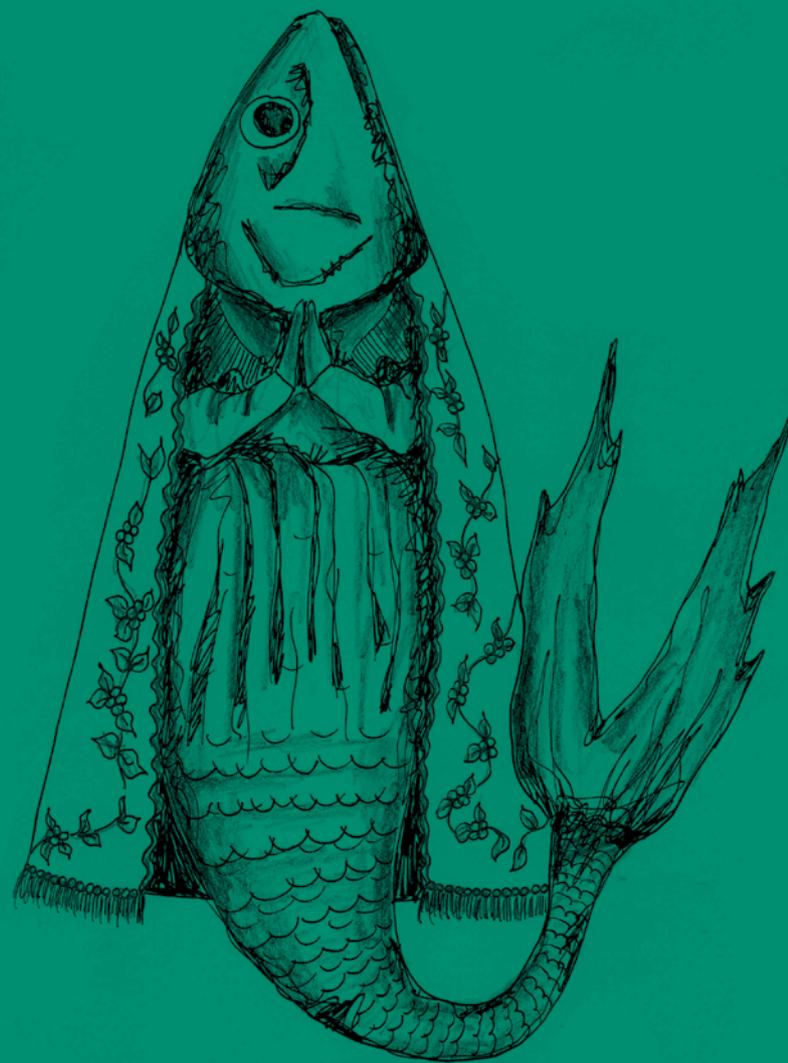
A guerra civil foi pródiga em mudanças de nome. Quando os do Norte estavam ganhando, mudou para Ilha do Norte Glorioso. Quando os do Sul estavam à frente, Ilha do Sul Vitorioso. Quando terminou a guerra civil, ela recebeu o nome Ilha da Grande Merda, mas nem todos os historiadores confirmam, alguns usam o nome sem a palavra Grande.

Quando os dez mandamentos viraram lei civil, com punições militares, a Ilha do Olho Que Tudo Vê teve grandes progressos econômicos, mas os pecadores ficaram de fora.

Ilha dos Furacões Bonzinhos não foi um nome muito correto, por isso trocado rapidamente para Ilha dos Furacões de Verdade, que também não agradou e acabou em Ilha da História Mal Contada.

Uma das fases religiosas resultou na Ilha do Convento das Emmas Descalças, tendo sido para isso construído um convento. Desde o início, a intenção era de um nome que não durasse muito, suposição com base na escolha do local do convento, bem no caminho dos furacões.

Ilha das Metáforas foi o nome que menos tempo vigorou. Não durou uma semana. Piada de mau gosto, disseram uns. Piada infame, disseram outros. Nem como piada, disseram ainda outros. Mas não foi isso que liquidou o nome em tão pouco tempo. Houve uma emergência que obrigou a escolher um nome estratégico.



Na tentativa de invasão da ilha pelos taedos, foi chamada de Ilha dos Jacarés. Dizia-se que os taedos tinham medo de jacarés. Como se sabe, não tinham, e a tentativa de invasão passou para a fase seguinte.

A reconstrução da ilha, após o desinteresse e a retirada dos taedos, durou quatro anos. Nos dois primeiros, continuou sendo Ilha dos Jacarés. Mudou para Ilha do Baile de Máscaras, nome que permaneceu até faltar um mês para terminar a reconstrução. Foi aí que ela passou a se chamar Ilha X, como é citada pelo mágico na sequência da chuva no filme *Slothrop*, de Percival Bartlebooth.

Quando a ilha deixou de ser encontrada pelos navegadores, chamava-se Ilha X. Permaneceu assim nos mapas até que deixou de ser encontrada também pelos geógrafos. O buraco no meio do oceano, visto até hoje no mapa exposto no Museu de Todas as Ilhas, em Alhures do Sul, está realmente no ponto exato onde a Ilha X existiu para alguns mapas. Mas a possibilidade de o buraco ter sido feito por traças é muito grande. Outras informações:

Moradores da ilha reclamavam da troca frequente de nome. Diziam que prejudicaria a população assim que a ilha tivesse um serviço de correios. A história memorizou apenas os muitos nomes da ilha, nenhum nome de governador da ilha.

Os arqueólogos não encontraram qualquer indício de que a definição de ilha (uma porção de terra cercada de água por todos os lados) fosse conhecida.

Um cronista da época sugeriu que, em vez de nome, a ilha tivesse números. Em algarismos romanos. Daí alguma confusão histórica com o último nome da ilha.

A frequente troca de nome causava atritos. Em qualquer encontro de meia dúzia de pessoas havia divergência sobre qual era o nome atual da ilha. A guerra civil começou numa reunião familiar para comemorar um batizado.

Nunca houve repetição de nome. Pelo menos ninguém reparou.

O título deste relato optou por um dos nomes da ilha. Poderia ter sido outro. É que alguns ficavam muito longos, outros muito curtos. Este ficou de bom tamanho.

Conto extraído de *Um milhão de velas apagadas* (Kafka Edições, 2015)

(Manoel Carlos Karam  
é dramaturgo e escritor, Rio do Sul/SC)

Dez anos após sua morte,  
o escritor catarinense Manoel Carlos Karam  
é um farol para as novas gerações

# O escritor inoperante

Por Carlos Henrique Schroeder

## A identidade Karam

Você lembra quando e em que circunstâncias conheceu seus autores prediletos? Aqueles que não apenas lhe deram o prazer da leitura mas também sinalizaram os caminhos da escrita? Eu lembro-me de alguns. No caso de Manoel Carlos Karam, passei a acompanhar sua obra quando venceu o Prêmio Cruz e Sousa, lá pela metade da década de 1990, com seu romance *Cebola*. Eu era um jovem aspirante a escritor, um tanto arrogante e messiânico, e fiquei intrigado com esse livro: não era parecido com nada do que eu lera até então. Impressionou-me sua plasticidade narrativa, sempre jogando e gingando, a liberdade dos temas e da língua. Nada como um grande livro para nos devolver à humildade. Senti aquilo que a escritora italiana Elena Ferrante chama de “terremoto interno” no seu livro *Frantumaglia*: “Os livros são organismos complexos, as linhas que nos perturbaram profundamente são o momento mais intenso de um terremoto interno que o texto provocou em nós, como leitores, desde as primeiras páginas: assim, ou localizamos a falha geológica e nos transformamos nessa falha, ou as palavras que parecem escritas para nós somem e, caso sejam encontradas, parecem banais, ou até mesmo lugares comuns.” E eu me transformei nessa falha geológica neste e nos demais livros que li do Karam. Mas joguemos os dados novamente no tabuleiro. Opa, devemos voltar algumas casas (afinal, a literatura é um jogo). Nasci em um pequeno município chamado Trombudo Central, aqui mesmo, no interior de Santa Catarina, a poucos quilômetros de Rio do Sul, onde nasceu Manoel Carlos Karam. Para quem morava em cidades sem livrarias, como eu, as bibliotecas (que também eram o Google da época) eram o contato com o mundo exterior. Estar em uma biblioteca, mesmo que pequena, era estar no mundo. E eu passei minha adolescência naqueles mundos, o das bibliotecas públicas da minha região, principalmente na Biblioteca Pública Municipal Nereu Ramos, em Rio do Sul. Esse ritual é o que sobra da minha adolescência, é onde estão as lembranças mais vívidas. Não foi a descoberta do sexo, ou da amizade ou do amor, pois as três coisas vieram acompanhadas de decepções e foram lá para trás, para o sótão mais distante. Enquanto minhas caminhadas pelos corredores das bibliotecas, o tatear por filas de livros e estantes, a descoberta de grandes livros sempre estiveram em uma área luminosa, ao primeiro alcance da memória. Ninguém me falou de Franz Kafka, eu não li sobre ele em uma revista ou alguém me entregou nas mãos e disse “leia isso, cara, agora”. Eu o descobri sozinho, de joelhos, em uma prateleira periférica dessa biblioteca, assim como *Cebola*, de Manoel Carlos Karam. E quem mora ou morou no Alto Vale do Itajaí sabe que Ituporanga é a terra da cebola, e que cortar cebolas sem chorar exige técnica e perícia. Chorei quando li este livro dele, sobretudo por descobrir (ah, as emoções e os hormônios da juventude!) que um dos mais inventivos escritores brasileiros nasceu ali, pertinho de mim. Mas quem diabos foi esse tal de Manoel Carlos Karam?

## A supremacia Karam

Seu pai, conhecido como Titio Karam, hoje nomeia um teatro ao ar livre, embaixo de uma das principais pontes da cidade de Rio do Sul, e também uma creche. Jornalista e agitador cultural, comandava um programa de auditório ao vivo, na emissora de rádio AM, líder de audiência na região. Emprestou ao filho o humor peculiar e a paixão pela comunicação: o nosso Karam deixa Santa Catarina aos 19 anos para estudar jornalismo em Curi-

tiba, onde fica até sua morte (câncer de pulmão), em dezembro de 2007. Cinéfilo e apaixonado por música, o jovem Karam encontra no teatro seu primeiro refúgio: escreve e dirige dezenas de peças, com destaque para *O avião parte às 5*, *Urubu*, *Esquina de 7 de setembro com 31 de março* e *Doce Primavera*, principalmente com o *Grupo Margem*, nos anos de 1970. A partir de 1980, começa a migrar (não totalmente) para a literatura, mas sempre com um olhar para o teatro, como defende o escritor gaúcho Reginaldo Pujol Filho, em seu ensaio publicado no jornal *Rascunho*: “... a influência do teatro na literatura karaniense, é o que quero arriscar aqui, vai muito adiante da questão formal, da citação a autores, do uso de recursos de roteiro dramático em seus textos. Isso é evidente, basta ler *Cebola*, em que há esboços de peça, personagens atores, referências a Ionesco e a outros dramaturgos. Ou verificar que a cena do personagem do jovem Campos jogando palito sozinho enquanto vigia o prisioneiro Três-nove-meia-dois é uma reescrita da peça *Doce primavera*, do próprio Karam. Ou ainda, basta ler o sensacional monólogo *Um calcanhar avariado e outras histórias* presente em *Comendo Bolacha Maria no Dia de São Nunca* e, com qualquer desses exemplos, ou muitos outros, fica escarrada a presença do teatro nos livros de Manoel Carlos Karam. Mas me agrada pensar em algo menos visível, no teatro como utopia conceitual, de gesto, para a literatura de Karam.”

É verdade. Ler Karam é experimentar uma espécie de teatro interior, no qual vozes convulsionadas se sobrepõem, se distanciam e se fundem. É estar em uma miscelânea de referências; afinal, somos a soma das nossas referências: muita gente bebe e bebeu de Karam. Assim como ele parece ter bebido (além das Heineken’s, das quais era fã) Schwitters, Kafka, Vonnegut, Hernández, Beckett, Cortázar, Borges e Campos de Carvalho. Mas o teatro está lá, em cada livro, em cada litro, vivo e latente. E Karam transformou suas referências em algo muito próprio, algo seu, só seu, que de tão seu passa a ser nosso também. Seus livros são difíceis de atrelar a um gênero específico: Karam me ensinou a palavra “possibilidade”, de rir do leitor, de si mesmo, de tudo, e também um segredo: a literatura não tem margens, é um campo vasto e uma solidão compartilhada. Para o escritor e crítico literário Nelson de Oliveira, “os personagens de Karam — os com cara e os sem cara bem definidas — são todos muito parecidos. Na verdade, são idênticos. A mesma voz, a mesma verve, a mesma visão amarga de mundo. Valêncio Xavier acertou na mosca quando avisou que Karam estava escrevendo o mesmo livro indefinidamente. Não só todos os personagens formam uma entidade única, uma superconsciência, como o mesmo jogo-brincadeira (expressão de Valêncio) vai sendo disputado livro após livro, com pequenos intervalos de uma encadernação para outra”. Os personagens de Karam nem se enquadram no jargão conservador do termo “personagem”, para nossa sorte.

Hoje seus livros são facilmente encontrados, mas nem sempre foi assim. Karam chegou a ser o segredo mais bem guardado da literatura brasileira, até encontrar o primeiro grande divulgador de sua obra, o escritor Joca Reiners Terron, que inclusive editou alguns de seus livros. Em vida, publicou *Sexta-feira da semana passada* (1972), *Fontes Murmurantes* (1985), *A Cidade sem Mar* (1989), *O Impostor no baile de máscaras* (1992), *Cebola* (1996), *Comendo Bolacha Maria no dia de São Nunca* (1999), *Pescoço ladeado por parafusos* (2001), *Encrenca* (2002) e *Sujeito oculto* (2004), e a maioria desses livros foi reeditada recentemente pela Kafka edições e pela Arte & Letra, duas das principais editoras independentes paranaenses. Mas também saíram os póstumos *Jornal da Guerra Contra os Taedos* (2008), *Algum tempo depois* (2014), *Meia dúzia de criaturas gritando no palco* (2014), *Godot é uma Árvore* (2016) e *Um milhão de Velas Apagadas* (2016).



Quando me perguntam qual meu livro predileto dele, fico com *Jornal da Guerra Contra os Taedos*. Somente uma guerra absurda para mostrar o absurdo que é uma guerra. Um narrador nada confiável para contar a história da “guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas, ambos filhos da puta”. Entre generais que escorregam em cascas de bananas ou tombam pelo peso das medalhas, estão os taedos, que usam cuecas pelo avesso, e versões dos dois lados do front, sempre com seu *non sense* particular. Mas considero a melhor entrada para o seu universo, para entender seu jogo, o *Comendo Bolacha Maria no dia de São Nunca*. São breves recortes que não cabem nos rótulos mais conhecidos, como conto, crônica ou mesmo o aforismo e a dramaturgia, divididos em nove partes completamente díspares. Esses estalos hoje encontram ecos em livros de autores como Lydia Davis e Gonçalo M. Tavares, pela incrível precisão e brevidade, mas com um humor caústico, que beira à exasperação, grande marca do autor. É um livro para ler várias vezes, do início ao fim, ou de trás para frente, não importa. E lá ele avisa: “Eu invento, invento mas deixo que as invenções permaneçam comigo, os outros nem sempre diferenciam nitidamente invenção e mentira, ficam comigo as invenções porque não quero que as minhas invenções tenham sobre os outros o efeito de mentira, e desminto que tenha sido eu o inventor do advérbio vice-versa.”

Ainda que de maneira quixotesca, tento a todo custo divulgar a obra de Karam nos quatro cantos do Brasil. Às vezes consigo, outras vezes não. Tive a honra de montar a programação em homenagem ao Karam na Feira do Livro de Rio do Sul, em 2013, que contou com debates sobre ele, com editores e leitores, e um show do Duo Fole Baixo, com a participação especial do filho dele, o músico Bruno Karam, interagindo com áudios do próprio Karam. Foi lindo. Todos os espaços do evento receberam nomes de seus livros, e montamos um Caderno de Leituras, com trechos e exercícios, que foi distribuído gratuitamente nas escolas da cidade. E na época também ajudei a montar um especial no caderno Cultura, do Diário Catarinense, com textos sobre ele. Sempre que posso, divulgo sua obra: em 2014, presenteei o escritor argentino César Aira com um Kit Karam. Neste dezembro estarei em Rio do Sul, nas programações oficiais em sua homenagem. Mas ultimamente venho pensando seriamente em uma questão: o que faz a obra de Karam ser tão especial? Tão diferente das centenas ou milhares ou milhões de livros que estão por aí?

### O legado Karam

Louzado por escritores como Marcelino Freire, Nelson de Oliveira, Marçal Aquino, Daniel Pellizari, Luiz Felipe Leprevost, Deonísio da Silva, Ivana Arruda Leite e muitos outros, Karam tem uma casa de leitura e um prêmio com seu nome no Paraná, mas colhe poucos louros aqui, nessa província em frequente estado de ingratidão. E na constelação de nome escritura, a estrela Karam brilha solitária, e só fui vê-la, com toda a nitidez possível, quando li um ensaio do escritor argentino Damián Tabarovsky, intitulado “Literatura de esquerda”. Publicado no início dos anos 2000, ele puxava a orelha dos principais escritores argentinos contemporâneos, mas sobretudo comprava briga com dois espaços do campo literário: a academia e o mercado (que não são necessariamente antagônicos, e muito menos homogêneos, mas são dois espaços identificáveis, são “dois espaços a salvo”). Afinal, grande parte da literatura e da crítica que se publicam há décadas foi escrita com base nesses lugares (com um alto grau de desconfiança e ironia de um pelo outro). “O mercado e a academia escrevem a favor da reprodução da ordem, de sua sobrevivência, a favor de suas convenções.”

A literatura que interessa, para ele e para mim, Tabarovsky chama de “literatura de esquerda”. E ela suspeita de todas as convenções e quer pôr em questão a própria ideia de literatura. E não se deixe enganar pelo título, pois um escritor politicamente de esquerda pode ser muito conservador em sua literatura. A questão aqui é outra. “É uma literatura que se escreve sempre pensando no lado de fora, mas um lado de fora que não é real: esse fora não é o público, a crítica, a circulação, a posteridade, a tese de doutorado, a sociologia da recepção, a contracapa, os parabéns.” É uma literatura que não se dirige ao público, mas sim à linguagem, para atravessá-la, como sempre fez nosso Karam, em cada livro. Não passa pela dicotomia trama versus linguagem, mas sim pela radicalidade de “trapacear com a língua, trapacear a língua” para “ouvir a língua fora do poder”. Pois quando a escritura não atravessa a linguagem, não a trapaceia, ela é apenas “mera reprodução linguística do poder”.

Então “nessa linha, cada escritor inaugura uma comunidade”. É uma comunidade que pertence “à tradição da doação; mas não da doação suposta como um intercâmbio de interesses, como a economia política das doações; nem a tradição vanguardista da doação como *potlatch*, como liberador de energias reprimidas”. E continua: “A comunidade inoperante, tal como queria defini-la aqui e agora, vai mais além da lógica da vanguarda histórica: supõe a doação da literatura como uma interrupção, como a interrupção de seu próprio mito, como o questionamento recorrente de seu próprio desejo. O que a literatura vem a dar é sua própria inoperância, sua incapacidade para converter-se em mercadoria (como a produz o mercado) e sua resistência a transformar-se em obra (como supõe a academia). Escapa ao plano da eficiência e da plenitude (o campo do mercado), mas também se subtrai ao da codificação (a academia).”

Foi pelos olhos do escritor argentino que descobri que Karam é nosso escritor inoperante, que está longe de qualquer zona de conforto, além dos espaços consolidados. Esteve à frente de toda uma geração, e, sozinho, foi um movimento literário, um submarino que só agora está emergindo. E só me resta torcer para que sirva de farol para as novas gerações, pois o que importa, de verdade, é a linguagem, não o propósito ou o resultado, porque o imenso está/ perto está pertíssimo e/ a partir de agora nos pertence (trecho de poema de Luci Collin em homenagem a Karam).

(Carlos Henrique Schroeder é escritor e editor,  
Jaraguá do Sul/SC)

# mediações de azul e branco

1, mediações de azul

enquanto você voava  
traduzindo meus últimos poemas  
para o norte do México  
na terra,  
um segundo terremoto ocorria

desde que nos conhecemos  
operaram os peitos da tua mãe (e retiraram um deles)  
uma mulher salvou uma vida  
pesquisaram sobre as maiores escadas rolantes do mundo  
e descobriram  
que elas ficam na Rússia

desde que nos conhecemos

dois abalos sísmicos ocorreram no México  
retiraram-lhe o outro seio  
o mais novo dos teus cinco filhos teve pneumonia, de novo,  
e houve mais  
1 ciclone

desde que nos conhecemos

folhas vermelhas de plátano  
desenhadas na embalagem  
encontradas durante a caminhada  
ou estampadas em papéis que envolviam hashis  
descartáveis, tanto faz,  
1452 mil folhas vermelhas  
de plátano – caíram

algumas crianças foram encontradas  
outras foram a muitos mais vernissages  
mãos de pianistas acomodaram diferentes pesos  
e levaram amendoins  
aos lábios

desde que nos conhecemos

era a altitude o que fazia o coração bater mais rápido  
talvez uma van  
subisse na chuva  
em direção ao pueblo  
mais alto do mundo — as portas  
do café Neblina ficaram abertas  
e eu te via desde abaixo  
de onde escrevia, de joelhos,  
em frente ao té todavia  
caliente — isto porque

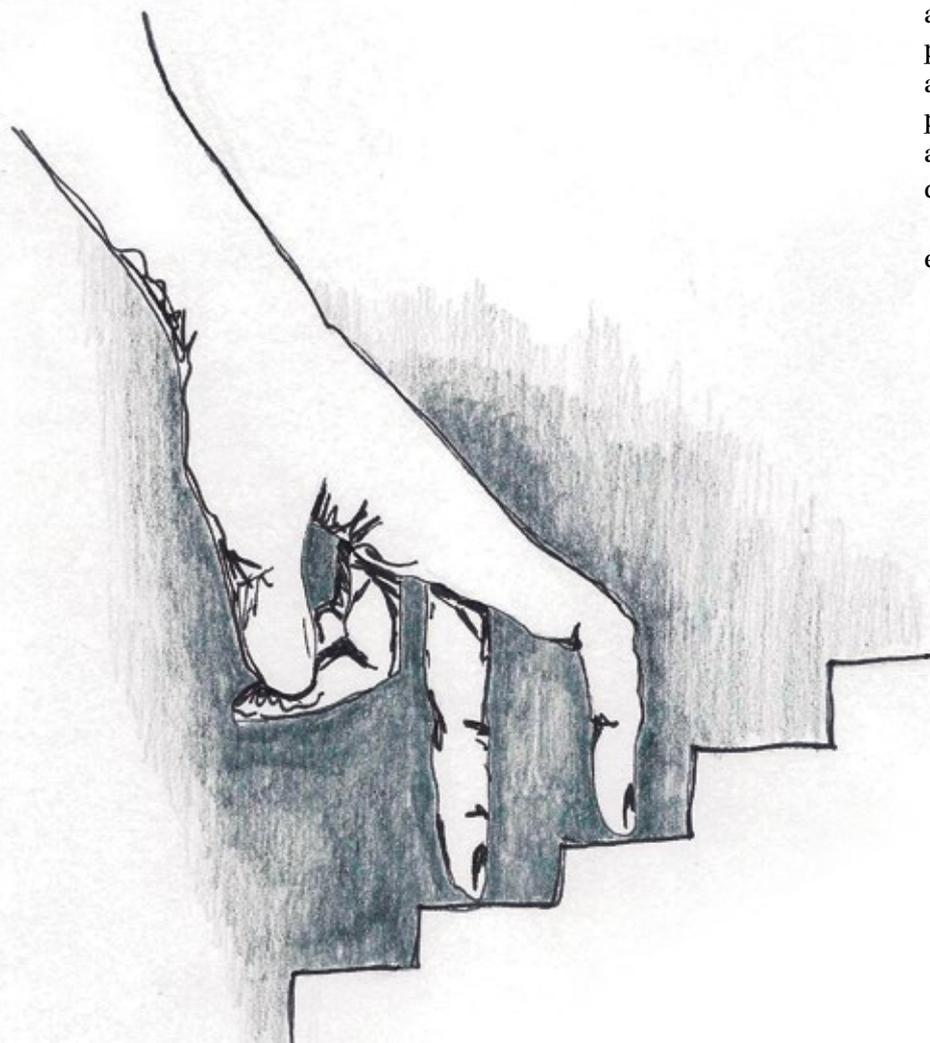
viveste com um homem solar

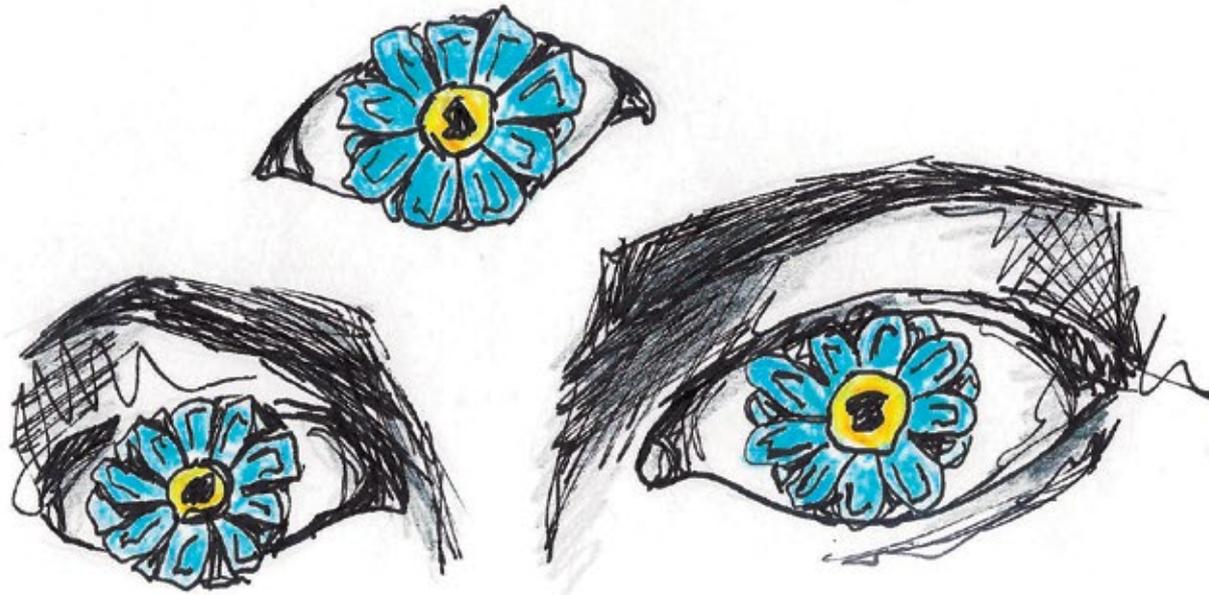
(eu ignorava Gongora)

que tinha como modelo este pequeno tutankhamon  
e o modo como o preto  
preenchia o papel  
com linhas  
pretas — Ellsworth Kelly escrito  
no dorso da mão direita, a tinta  
azul,

as tuas roupas  
pretas  
a minha roupa  
preta  
as roupas pretas  
deles — à noite,

em frente à eletrônica “Ovídio”,





tu não estarias lá,

estarias olhando,  
desde abaixo,  
o clube de xadrez dos engenheiros-mirins  
os olhos  
que eram como flores azuis  
ou prismas bazálticos  
ou o que quer que fosse  
que pontuasse  
a ausência —

você me sonhava e eu era triste

o que era raro porque não conhecias  
minha cara de triste

e o camareiro no hotel, chamado manet, como o pintor,  
porque seu pai gostava muito  
com aquelas mãos tão grandes  
quanto ancinhos  
perguntando:

— o quanto você gosta/acredita  
no capitalismo?

(o que te faz lembrar  
das minhas mechas  
vermelhas)

e

quando um dos teus amigos abraçava colunas, no centro,

tu esperavas à frente,  
atrás, à esquerda e à direita  
do meu crânio...

tudo isso

+ o modo como do teu egoísmo  
parecem brotar certos gomos  
de graça  
ok, não diga nada se assim  
te apetece

eu também  
não diria

que um pai ensine o filho a morrer

ou que eu não tivesse visto, ainda,  
a guerra de perto

mas isso foi tudo o que eu disse  
fisicamente  
pra ti?

não,  
não era,

era como você  
contava os dias  
que eram escadas  
que eram crianças

e iam

a muitos mais vernissages  
do que nós

2, mediações de branco

semicerrando os olhos  
a gente sendo tragado  
pelo contraste  
entre os tons de branco  
e outros tons  
de branco

e um outro tipo  
de empunhadura  
que em relação às figuras  
se conectava através das sombras  
por causa de uma bola branca  
de luz

*(Catarina Lins é poeta catarinense  
radicada no Rio de Janeiro/RJ)*

### **A una Rosa**

Rosa divina, que en gentil cultura  
Eres con tu fragante sutileza  
Magisterio purpúreo en la belleza,  
Enseñanza nevada a la hermosura.

Amago de la humana arquitectura,  
Ejemplo de la vana gentileza,  
En cuyo ser unió naturaleza  
La cuna alegre y triste sepultura.

¡Cuán altiva en tu pompa, presumida  
soberbia, el riesgo de morir desdeñas,  
y luego desmayada y encogida.

De tu caduco ser das mustias señas!  
Con que con docta muerte y necia vida,  
Viviendo engañas y muriendo enseñas.

### **Detente**

Detente, sombra de mi bien esquivo,  
imagen del hechizo que más quiero,  
bella ilusión por quien alegre muero,  
dulce ficción por quien penosa vivo.

Si al imán de tus gracias, atractivo,  
sirve mi pecho de obediente acero,  
¿para qué me enamoras lisonjero  
si has de burlarme luego fugitivo?

Mas blasonar no puedes, satisfecho,  
de que triunfa de mí tu tiranía:  
que aunque dejas burlado el lazo estrecho

que tu forma fantástica ceñía,  
poco importa burlar brazos y pecho  
si te labra prisión mi fantasía.

### **A uma Rosa**

Rosa divina, em gentil cultura,  
tu és, com tua fragante sutileza,  
magistério purpúreo da beleza,  
nevado ensinamento à formosura.

Tu, âmago da humana arquitetura,  
és modelo da fútil gentileza,  
em cujo ser uniu a natureza  
o berço alegre e a triste sepultura.

Altiva em tua pompa e presumida  
soberba, desdenhas de morrer a sina,  
porém quando desmaias, encolhida

em teu ser, dás sinais de tua ruína!  
Com tua doutora morte e néscia vida,  
vivendo enganas e morrendo ensinas.

### **Detém-te, sombra**

Detém-te, sombra de meu bem esquivo,  
imagem do feitiço que mais quero,  
alegre, na ilusão, morro e venero  
bela ficção por quem penosa vivo.

Se é tua graça este ímã, atractivo,  
de aço obediente, ao ser, servir-te espero;  
para que me namoras com esmero  
se logo irás burlar-me fugitivo?

Mas se gabar não podes, satisfeito,  
de que triunfa em mim tua tirania:  
mesmo ao deixar burlado o laço estreito

que tua forma fantástica prendia;  
pouco importa burlar braços e peito  
se és prisioneiro em minha fantasia.



## Aberração de Informação

**O**uvi um gemido que vinha de dentro da garrafa de café. Eu disse gemido, não barulho de pressão. Um gemido inevitavelmente humano, para minha tristeza. Eu que costumo sempre fazer um bom café, tendo agora que lidar com alguém dentro da garrafa.

É claro que essa pessoa gemendo dentro da minha garrafa não me cativaria assim tão fácil. Então antes de eu resolver tomar algum tipo de atitude para libertar o pequeno ser humano gemedor, resolvi fazer um jogo com a criatura. Eu, na minha condição de recém-acordado para mais um dia de monotonia, faria o papel da besta arrogante, enquanto a missão do pequenino seria pedir algum tipo de informação.

Era notável que sua mente estava perturbada, pois seu primeiro impulso foi fazer uma pergunta vinculada à temática existencialista, algo do tipo: "qual é o sentido da vida?" Aquilo me irritou profundamente. Como pode um pequeno ser da raça humana que está preso dentro de uma garrafa de café fazer uma pergunta tão rasa? Minha resposta foi: "tente outra vez". O gnomo perguntara minha idade, tolo. Perguntara sobre as olimpíadas, idiota. Perguntara sobre o atual panorama político, dei risada e recusei a pergunta. Acho que ele não estava compreendendo o que eu queria dizer com "pedir algum tipo de informação".

Ele foi ficando irritado. Dizia à parede arredondada que eu era um monstro, que eu era um canalha, um tremendo filho da puta. Eu imaginava como o som devia ecoar dentro das redondezas daquela garrafa, a bela melodia composta pela sequência de xingamentos direcionados a um cara que gosta de beber café. Gosto de beber café, e aquela criaturinha não estava permitindo que eu coasse o pó com água quente.

Fui trabalhar, depois fui ao bar e, quando voltei para casa de noite, ouvi uma bela música sendo assoviada. Interessante a capacidade de adaptação das pessoas. Dentro de uma garrafa de café é possível encontrar prazer mediante um simples assoviar. Mirei dentro da garrafa e lá estava meu amigo dançando e assoviando. Ele pergunta:

- Voltou?

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele voltara ao jogo:

- Quando você vai me tirar daqui?

Libertei ele imediatamente, não aguentaria passar mais uma manhã sem o meu café. Nos despedimos cordialmente e nunca mais nos encontramos de novo. Fui averiguar a garrafa para ver se estava tudo certo. Aparentemente aquele ser havia deixado alguma coisa ali, não conseguia identificar o que era. Poderia ser sua carteira, quase fui correndo atrás dele. Mas então olho melhor, e resolvo dar uma cheiradinha. O pequeno ser humano havia caído dentro da minha garrafa de café. Ele podia ter perguntado onde era o banheiro, que eu o libertaria, não precisava ele ter feito a nojeira que fez.



## O Bilhete

**A** noite era mais uma vulgaridade. Todos confinados em suas levezas de ser. Um confinamento tão aliado à sociedade pacifista dos tempos de hoje. Era o recado que estavam esperando, a localização, do que falaremos logo menos. Chegou na mão dela, mão lisa, sincera, dedos que nunca sentiram o que é hesitar.

Ela chorou, fino. Quem entregara estava de moto e chovia. Mas não tema que é coisa de ilha. Garanti seu passeio na história para que não colocasse em risco o desperdício. Engraçada aquela mulher, da maneira certa, da maneira cortante, assopradora de ventos lunares, cósmicos e utópicos. Tudo com peitos grandes, sensualismo, peito aberto em raio solar. Pernas de sexo feitas por isso, afoitas nisso, caminhadoras disso. Recebeu recado. Podia pensar nisso ou naquilo, localizou sentido na mensagem. Agradeceu o guri, que partiu encharcado pela rua, chovia muito. Mas não tema que é coisa do céu.

Entrou e leu. Café quente à esquerda, palha acesa à direita, bilhete maldito na distância pouca. Estar perto demais nunca era o suficiente, no que se toca por aquele que passa. Passou lento demais nesse mundo de passagens rápidas onde falta paciência para ter certeza de que não se sabe de nada. Métodos e métodos, mentais a ponto de perfurarem os ouvidos sabidos de som ao redor. O bilhete era uma precaução ao desistir de afagar uma nebulosa inteira de renúncia do atípico, o bilhete era um manifesto do medíocre.

O que mais senão a varanda nesse momento de prelúdio ao caminhar escuro na mata do próprio ser? E na varanda ela não estava, porque de alguma forma ainda chovia muito dentro e fora dela. Mas não tema que é ela. E é doce, e é amarga, e leu o bilhete chorando antes mesmo de ter começado a rebuscar com os olhos aquelas letras intocadas de sua respiração que desviava da direção do pedaço de papel:

"Quando você pegou na minha mão debaixo daquela árvore, viaduto, céu, chuvoso, mas não tema que é coisa do mundo, eu pensei no mundo e temi que você não fosse ler o bilhete. Mas sei, sim, que o bilhete, apesar de não significar nada fora do contexto eu, você, pode ser algo maior. O bilhete te diz, minha amada, que a chuva passa. Mas não tema que é coisa de amor, não bilhete. Bilhete é de mundo."

Ela era mais uma vulgaridade passeando naquela varanda mesmo parada entre as tragadas firmes. A personificação do bilhete foi nela no resto da vida bela que teve. Choveu muito em diversos tempos enquanto isso durou. Mas não temeis, caro leitor, é coisa de tempo.



*(Luan Marques é ator e escritor, Criciúma/SC)*



# Fascínio e decepção no primeiro Agamben

Por Jayro Schmidt

Com sólida formação filosófica, Giorgio Agamben publicou seu primeiro livro, *O homem sem conteúdo*, em 1970. O foco principal é, na sua interpretação, a crise da arte no século passado por ter perdido o contato com as soluções estéticas.

Aliás, já no primeiro ensaio, “A coisa mais desconcertante”, Agamben aborda o estético destrocado desde o século 19, o que se deve a mudanças no próprio âmago da história. E se Agamben não abre mão da estética como o imperativo da arte, em consequência teve que pensá-la como *representação*, ficando, dessa maneira, um vácuo acerca do que moveu os artistas modernos.

Essa é a decepção do primeiro Agamben ao querer solucionar os desvios da arte contemporânea com paradigmas estéticos, embora ele tenha apontado no destrutivo o teor mesmo dessa arte; daí o fascínio de seu pensamento que, por outro lado, vai aos gregos para demonstrar que “a crise da arte no nosso tempo é, na realidade, uma crise da poesia”, enunciado nas primeiras linhas de “A privação é como um rosto”.

## O outro rosto

Após fazer a arte retornar à experiência do artista, desmobilizando o esteticismo do espectador que entrou em voga a partir de Kant com o “belo como prazer desinteressado”, Agamben situa a estética e sua destruição.

Talvez nada seja mais urgente – se quisermos colocar de verdade o problema da arte no nosso tempo – que uma destruição da estética que, desobstruindo o campo da evidência habitual, permita colocar em questão o sentido mesmo da estética enquanto ciência da obra de arte. O problema, porém, é se o tempo é maduro para uma semelhante destruição, e se ela não teria, ao contrário, como consequência simplesmente a perda de todo horizonte possível para a compreensão da obra de arte e o abrir-se, frente a esta, de um abismo que somente um salto radical poderia permitir superar.

Imaturos são todos os tempos no confronto com a destruição, que faz amadurecer em função do que o próprio Agamben argumenta: somente a destruição de alguma coisa, que exemplifica com

a casa em chamas, expõe seu fundamental problema. Nesse aspecto, foram potenciais destrutivos que estavam na base da modernidade, cujo problema a estética não dava mais conta. O problema fundamental dos modernos deixou de ser a representação, a via inevitável da estética que Agamben alicerça na metafísica de Heidegger como o fator indispensável para atingir a plenitude do homem.

Ao longo dos ensaios observa-se que Agamben deixa explícito que a arte deve responder a pressupostos da filosofia, o que, em termos, foi abandonado pelos melhores pensadores do século 20, que reverteram esse conceito: é na obra de arte que se encontram as respostas às indagações da filosofia. Além do mais – e ouvindo o Barthes da *Aula*, a percepção de que os saberes não têm a mesma importância e nem são hegemônicos em todas as épocas, tendendo a perder suas forças conforme as mudanças históricas –, presume-se que assim como a teologia tornou-se, conforme Benjamin, “pequena e feia” em nosso tempo, à estética ocorreu o mesmo.

E a estética visa, dentre as percepções, ao belo como propriedade máxima da arte, enquanto no mundo moderno os artistas colocaram o novo em seu lugar. Nisso Agamben pensou como algo fortuito, apesar de ter feito a leitura necessária por meio da literatura, perdida como retórica – outro saber inofensivo na modernidade –, superada pelo que chama de terror, algo que pertence à vida; daí a destruição de tudo o que se tornou literário.

## O novo no lugar do belo

Instrumentado com o imprescindível na crítica filosófica moderna, a exegese, Agamben, girando na esfera relacional do objeto artístico e espectador, fundamenta a crise da arte, quando, na realidade histórica da modernidade, o que entrou em crise foi a representação, cujo sentido não deu lugar ao significante, a saber, à própria linguagem.

Agamben, por isso, ao fazer a leitura de Frenhofer deixou à deriva a passagem da representação para a não representação que deu imagem não mais analógica entre artista e mundo, inserindo-o no vasto e imprevisível campo de possíveis linguagens que, queiramos ou não, abrangem a positividade empírica do ser que pensa a finitude do ato artístico, assim a expressividade de seu processo que escapa da representação das representações, o esteio seguro da estética tal como se encontra na arte clássica e sepultada com o neoclassicismo.

O pintor Frenhofer é relativamente conhecido, personagem obsessivo da novela de Balzac, *A obra-prima ignorada*, escrita em 1832. Fora do domí-

nio da crítica de arte, trata-se da primeira ficção a ir ao centro do impasse entre a perfeição da arte e a sua impossibilidade, em uma época em que estetizar a natureza e a vida tornara-se moda.

A novela de Balzac não é mera coincidência com as intensas mudanças artísticas que ocorreram em Paris desde 1824, ano em que a exposição de pintura inglesa causou impacto por meio de Turner e de Constable, que influenciaram a formação do romantismo de natureza e de história, portanto as primeiras manifestações da pintura moderna. E a pintura moderna, seja nas reações posteriores enfeixadas no realismo e no impressionismo, não se valeram de estruturas imutáveis ou de teorias *a priori*, porém do emotivo imediato, no qual as noções de coisas foram suplantadas por noções sensoriais.

Frenhofer é o típico artista entre dois mundos paralelos e antagônicos que vê a dissolução da representação, embora não vislumbre, em sua “muralha de pintura”, que o novo estava se insinuando com a mesma força com que a chamada gramática geral foi transformada em filologia, instaurando a reflexão filosófica na linguagem. O velho pintor, nos instantes em que se coloca no lugar do espectador, conclui que em vão foram dez anos de pintura para representar a sua visão, soterrada pelo significante pictórico que para ele é o nada no qual foi poupado uma parte mínima da mulher que ainda imagina presente na pintura a ponto de respirar ou se mover. Porbus e Poussin, que têm acesso à obra, se sentiram enganados e ao mesmo tempo admirados nas palavras de Balzac:

Ao se aproximarem, avistaram num canto da tela a ponta de um pé descalço saindo daquele caos de cores, tons, nuances indecisas, uma espécie de névoa sem forma, mas um pé delicioso, um pé vivo! Ficaram petrificados de admiração diante daquele fragmento saído de uma incrível, lenta e paulatina destruição. Aquele pé surgia ali feito o torso de alguma Vênus de mármore de Paros aparecendo entre os escombros de uma cidade incendiada.

A destruição a que Frenhofer submeteu o representado foi o que poupou a imagem analógica ou o simulacro da representação, o pé, como se Balzac tivesse visto o barco que Turner pintou, na entrada do porto, reconhecido no mastro que vacila em meio à tempestade de neve, prenúncio da osmose pictórica que vai contagiar os modernos, convictos de que a cor não deveria somente representar alguma coisa, mas, também, representar-se a si mesma como noção de universo, mundo, vida.

(Jayro Schmidt é escritor, artista plástico e ensaísta, Florianópolis/SC)

# O calendário poético de Alcides Buss

*Navigare necesse, vivere non est necesse*  
Pompeu (106-48 a.C.)

Quando Fernando Pessoa (1888-1935) usou esta frase latina no seu poema *Navegar é preciso*, mudando o seu contexto e criando novos sentidos: *Navegar é preciso, viver não é preciso*, abriu para ela várias interpretações significativas, seguindo Petrarca (1304-1374), que já a havia usado. A navegação tem suas leis e práticas que a fazem ter uma certa precisão; já a vida, não é precisa, isto é, é imprecisa, impossível de enquadrá-la totalmente em um esquema ou projeto. Penso que Alcides Buss teve em mente este diálogo com o poeta português quando se propôs a navegar no calendário, no tempo, de janeiro a janeiro, no seu livro *Viver (não) é tudo*, de 2015<sup>1</sup>.

Não são todos os dias, mas os especiais, os dias em que a poesia ilumina — e aí, sim, pode dar coordenadas ao viver impreciso —, por meio da beleza e do sentido de humanidade que com ela se conjuga.

Alcides Buss é um poeta que se qualifica como um escritor de livros de poesia, mais de vinte publicados, com uma poética cuidadosa, de versos curtos, trabalhados, poesia não derramada, não sentimental, mas existencial, amorosa, com pontos altos de criação e deslumbramento — em que a metáfora desnuda o mistério da vida. Nunca é demais citar Martin Heidegger (1889-1976): *A beleza é um destino da essência da verdade, entendendo-se por verdade aqui: a revelação do que está escondido*<sup>2</sup>.

Quando o poeta abre o calendário no dia 1º de janeiro, não o faz em uma folhinha pregada na parede, mas é próprio desvelamento do tempo e da existência, poema I:

*O ano termina.  
O ano começa.  
Meu coração em festa  
me diz: a serpente se esconde  
onde menos se espera.*

O mal e o bem são formas presentes na vida e nos dias que se escondem no dia a dia, na luta pela vida que impede os homens de ter olhos para ver o que se esconde sob a ganga do tédio. O poeta, na praia, lança o anzol para iluminar o canto:

*Ai, o anzol clareia a garganta  
cós mica.*

Para, no poema VII, fazer a imagem daí advinda, dessa “garganta cósmica”, e poder anunciar:

*É preciso viver  
cada minuto, cada hora,  
e justapor à alma  
a imagem de que tudo  
se renova.*

*É preciso repartir  
a serventia  
de ser.*

Pois se o viver não é preciso, mesmo assim é necessário sobreviver para encontrar o sentido de si mesmo, dos outros, e do mundo... Para isso adentramos fevereiro dialogando com Fernando Pessoa, no poema XVIII:

*Disse o poeta  
que tudo vale a pena  
se a alma não é pequena.*

*Mas minha alma à deriva  
do mal e do bem,  
tem horas que me diz*

*que quase nada vale a pena,  
quase nada.*

*Se dilacera minha alma  
em tudo que sabe  
sem saber.*

O poeta sabe que o caminho é difícil, e tem que lutar muito para não submergir no nada, no não sentido, dizendo no poema XXIV

*Difícil manter  
um projeto para o mundo  
que não acabe em escombros  
ou não se corrompa  
na náusea de mais um dia!*

Em março o poeta descobre que algo de belo e bom ficou nas suas mãos, poema XXXIV:

*Nós próprios parecemo-nos  
colheitas de um tempo  
em que floresciam palavras  
no silêncio das mãos!*

O florescer das palavras é o mote para se descobrir o caminho no emaranhado dos dias. E já é abril, e no poema XL parece estar perplexo diante do passar do tempo:

*Os dias vorazes  
induzem-me a descrer do tempo.*

Ainda, no entanto, sente-se necessário, poema XLIII:

*Você podia não existir,  
mas você existe  
e faz parte da imensa realidade  
entre o sim e o não.*

Em maio podemos acreditar, pois estamos juntos e irmanados na humanidade, poema LV:

*Nada é para sempre.  
Nada é para sempre.*

*Mas este abraço de humanidade  
é tão crucial,  
tão contundente,  
que nos fazemos crer, até  
que tudo é para sempre.*

Vamos assim pensando os trabalhos e os dias no calendário, e vamos por dentro de junho acreditando na possibilidade do amor, poema LXI:

*Eu tenho dentro de mim  
a ficção do amor  
e este pendor para crer  
que assim florescem  
os jardins, as nações, as galáxias.*

Em julho, viver cada dia já é a felicidade possível, encontrada no poema LXXI:

*E penso comigo:  
preciso germinar a cada minuto,  
o dia inteiro,  
para desfrutar dessa glória  
de amanhecer.  
A noite é uma circunstância.  
O dia é minha essência vasta  
e inteira.*

Agosto — que não é como a tradição quer, o mês do desgosto —, nele, o poeta sabe aproveitar o mundo que se apresenta como lição de vida, poema LXXXI:

*Não quero mais do que isto:  
existir assim como sou;  
dividir  
o labirinto do ser  
até desaprender  
a mordaca da morte*

Pulamos setembro para encontrarmos a primavera e para arregimentar as forças enquanto o tempo passa, poema XCVI:

*Um sabor agridoce  
se espalha na memória  
e se infunde em algo que nos envolve,  
que mal sabemos discernir  
se a nós compete,  
se a nós pertence.*

*Mas é como se a primavera  
mais uma vez voltasse;  
como se houvesse ainda um começo  
pra fazermos a vida  
e do que somos  
um sonho sem fim.*

Outubro é ainda um mês profundo para pensar os limites dos nossos julgamentos e do nosso domínio sobre os outros homens. O que faz o homem esquecer que em si também está a matéria do outro, o espírito do outro? Vamos aprender um dia a respeitar-nos uns aos outros? A entender que estamos atrelados aos outros animais e à natureza? Poema C:

*De todos é o bicho-homem  
o mais temido,  
danoso, imprevisível.*

*Aproveita-se dos outros  
e, não fosse pouco,  
dispõe o seu destino.*

*Mal sabe, porém, que trama  
em surdina se tecem  
sob as próprias unhas.*

*Mal sabe zelar  
pela herança da Terra,  
esta casa a bailar  
em casas celestes.*

*Talvez aprenda, um dia,  
que os bichos são muitos,  
o mundo é múltiplo,  
mas a vida é uma.*

Em novembro celebra-se o dia dos mortos. Mas é um mês que permite pensar que tudo pode recomeçar, ou ficar alguma coisa de uma vida que findou, poema CIV:

*Perante a morte  
espantamo-nos com a fatalidade do fim,  
mas ao mesmo tempo  
deixamo-nos encantar  
com algo vago, que acaba de começar.*

No poema CXVII os dias de dezembro passam no galope das horas, tempo sobre tempo na desmedida do esquecimento:

*Depressa caminha dezembro.  
você deseja prender o tempo, prendê-lo  
em qualquer coisa,  
um livro, uma viagem  
ou mesmo um diário,  
alguma coisa que dê  
a impressão de ter prazos ainda  
para as urgências da vida.*

*Mas o tempo não lhe dá trégua.  
Aos poucos já finda o ano.  
E com ele se vão  
esses passos todos em busca  
de cada migalha de sonho.*

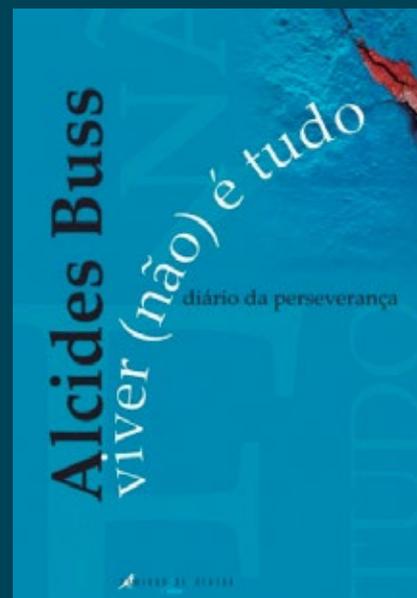
No final de dezembro vem a esperança no ano novo, que poderá em um retorno cíclico ser a realização de todos os recomeços, poema CXXI:

*Por ora estamos presos  
em nós mesmos.  
Você, porém, traz esperanças.  
Mais um ano vem  
e tudo vai repetir-se  
e tudo vai recomeçar!*

Novamente janeiro, o poema recomeça em seu ritual cíclico no dia primeiro de algum ano, novamente no poema I. Este é um livro de poemas que pode ser lido do último poema para o primeiro, de janeiro a janeiro, um poema circular como o tempo.

1 BUSS, Alcides. *Viver (não) é tudo*. Caminho de Dentro Edições: Florianópolis, 2015.

2 HEIDEGGER, Martin. *¿Qué significa pensar?*. Editora Nova Buenos Aires: Buenos Aires, 1958.



(José Eduardo Degrazia é poeta, ensaísta e tradutor, Porto Alegre/RS)

# A gaiola

Um trinca ferro foi tudo o que restou a Dorval. Isso e uma casinha ajeitada de alvenaria, que ele cuida com dedicação.

São quarenta e nove metros quadrados, sete por sete, e mesmo assim Dorval leva um dia inteiro para limpar o chão, as janelas e ajeitar os móveis. Durante os dias de semana, ele sai para curtas caminhadas, assiste à televisão e adora revisitar os antigos álbuns de fotografias da família. Guarda o sábado e o domingo para ir à igreja e dormir praticamente o tempo todo. No intervalo de todas essas coisas, ele senta em frente a uma pequena gaiola, que fica bem no meio da sala, mas que não suja o chão, pois há um tipo de forro de tecido que segura qualquer sujeira, e escuta seu trinca ferro cantar. Canta pouco, pois já está velho e cansado. Assovia melodias fracas, depois se encolhe embaixo d'asa e começa a tremer, assim como os homens que, alcançando certa idade, se tornam trêmulos. Não é o caso de Dorval, que ainda é um jovem senhor, tornou-se velho faz pouco tempo, há uns cinco anos mais ou menos. A amizade dos dois já dura um bocadinho, e ficar de frente um para o outro é um ritual antigo, que Dorval fazia geralmente acompanhado da esposa ou dos filhos. Pensando desse modo, fazer sozinho algo que anteriormente se fazia acompanhado não é fazer esta mesma coisa solitário, e sim fazer uma outra coisa completamente diferente, sob outras condições. O passarinho força as cordas vocais ao máximo, quase até a morte. O homem sorri agradecido. Apesar de sucinto, o canto é lindo, uma música que sem dúvidas serviria para a trilha sonora de uma cena de filme, por exemplo uma em que uma jovem moça sobe delicadamente um golpe de escadas. O assóvio parece mais um chamado. Não à toa um jovem da espécie, cantor, pode convocar à distância milhares de outros trincas ferros ao trinado.

A esposa de Dorval abandonou a família para viver com outro homem, mais moço, embora tenha a aparência bem parecida com o ex-marido de uns vinte anos atrás, com a mesma falha na costeleta e os cabelos começando a ficar grisalhos. Os anos que passavam a deixavam cada vez mais charmosa, com dobrinhas suaves no rosto como um lençol. Quando saiu de casa, deixou os filhos (um menino de quatorze e a irmã de doze) na casa do vizinho e desapareceu. Retornou três semanas depois, para falar com a família sobre Norton e anunciar o divórcio. Dorval assistiu às explicações silenciosas. Encarava os filhos com espanto e pesar, enquanto estes devolviam olhares resignados e que demonstravam que há muito sabiam de

tudo. No fim aceitou o acordo. Ficou as duas semanas posteriores trancado em casa, esquecendo das caminhadas e de ir à igreja. Mais que nunca, estava sentado em frente à gaiola, ouvindo o trinca ferro cantarolar — na época um jovem que avançava à idade adulta. Ninguém na casa sabia nem nunca soube o nome do pássaro, embora os filhos sempre insistiam que ouviram não só uma, mas duas vezes o pai chamar o bicho de Silvio.

O rapaz, hoje com dezoito, odeia Dorval por um motivo nunca esclarecido. No último dia em que esteve na casa do pai, a casa que hoje é limpa diariamente, com exceção dos sábados



e domingos, saiu dando bicuda nas portas e jogando prateleiras e talheres no chão. Assim que arrumou o primeiro emprego, desapareceu sem deixar nenhuma notícia. A filha faz, vejamos, uma ou duas visitas por ano. Fala muito pouco, tímida, e vai ficando cada vez mais depressiva conforme as horas em companhia do pai vão avançando. Deixa comida, o cheiro forte do perfume espalhado pela casa e algumas notícias de sua saúde, que sempre está boa. Nunca fala nada sobre o irmão, embora tudo indique que mantenham contato regularmente.

Durante a limpeza do sofá, num dia de manhãzinha, Dorval olha para o pássaro fixamente. Vai até a gaiola, afaga sua cabeça com a beiradinha do dedo indicador. Abre a gaiola. Isso mesmo, Dorval abre a gaiola. Interrompe tudo o que está fazendo naquele momento e senta

na cadeira que fica em frente ao pequeno viveiro. Acredita que é um gesto de confiança que dá ao seu amigo de longa data. Obviamente sabe que no fundo o que faz com que um pássaro continue dentro de uma gaiola aberta é condicionamento, crueldade pura. Mesmo assim espraia as costas na cadeira, esperando um canto de gratidão mais sustentado que de costume. O pássaro abre as asas, pavoneia, e com um impulso intelectual que às vezes surge nos animais, finge se arremessar de um poleiro a outro e mergulha para fora das grades de ferro. Cai no chão, pelo movimento que não faz há anos. Dorval se levanta, e o pássaro se põe sobre os dois pezinhos. É como se a cena fosse reproduzida em câmera lenta, tamanha lentidão dos dois. O homem firma os pés no chão, se inclinando em direção ao chão, mas a ave consegue fugir pela janela. Dorval sai às pressas da casa, verificando se (nunca será comprovado este nome) Silvio está jogado em algum canto da calçada. Nada. O velho retorna para casa e senta novamente na cadeira, na mesma posição e aparentemente com a mesma fisionomia de sempre. Mas logo se debruça e dentro do próprio colo chora de maneira discreta, mas muito bonita.

Assim como o canto do pássaro, o choro toma conta da casa. Fica horas nesta posição. De repente Dorval explode com um grito estrondoso, que deve não apenas ter alcançado seu amigo trinca ferro, mas todos os outros pássaros do céu. Levanta abruptamente da cadeira e se arremessa contra a gaiola. Tenta passar sua cabeça por dentro da portinhola, enfiando o queixo com toda a força, mastigando as gradezinhas, deixando seu pescoço todo marcado.

No dia seguinte, o velho levantou às oito, com uma energia incomum, apesar do esforço extenuante do dia anterior. O corte no pescoço esfriou, deixando um borrão roxo em Dorval. Ele vai até o banheiro e se olha no espelho. Sorri para sua imagem: as bolsas gordas embaixo dos olhos, as rugas abundantes ao lado dos olhos, a testa com frisos. Está apaixonado pela própria aparência. Dorval está apaixonado por si mesmo. Um amor profundo que só alguém maduro o suficiente pode ter. Começou a fazer planos como nos anos anteriores. Quer viajar para fora do país, pensa em ligar para o filho, talvez dar um bom dia, perguntar seu emprego; gostaria muito de jantar com a ex-esposa e o seu atual namorado. Mas alguns minutos depois, sem demorar muito, Dorval repete a rotina, levando o dia todo para arrumar a casa. Nos dias seguintes é a mesma coisa. Não ligou para o filho nem comprou passagens. Meramente arruma sua casinha, sete por sete. A gaiola continua no mesmo lugar. A cadeira também.

*(Giovanni Arceno é escritor, Joinville/SC)*